

Sim, Franca já teve vôos comerciais diários para a capital, muitos anos atrás, mas isso acabou faz tempo e não há perspectiva de retorno. No pequeno aeroporto, era só chegar e embarcar, sem grandes esperas, check-ins ou transtornos, como aconteceu durante os anos da grande expansão da aviação comercial no país (governo Lula), pois muita gente mais teve renda suficiente para utilizar esse meio de transporte rápido e seguro (após o golpe de 2016, isso acabou, ao menos por excesso de gente). Atrasos de vôos não eram usuais na época em que Franca constava dos painéis do aeroporto de Congonhas.

Recentemente uma empresa ferroviária japonesa pediu desculpas pelo "grande incômodo" provocado por um de seus trens, que iniciou a viagem 20 segundos antes do horário previsto. Um trem da linha Tsukuba Express, que liga Tóquio aos subúrbios do norte da capital, saiu da estação de Minami Nagareyama às 9h44 e 20 segundos, ao invés do horário previsto: às 9h44 e 40 segundos. O pedido de desculpas da empresa, que dizia "Sentimos muito pelo grande incômodo provocado aos nossos passageiros", tornou-se objeto de riso para os brasileiros, acostumados aos constantes atrasos nos serviços de transporte públicos e privados.

O episódio semelhante lembrou um ocorrido com minha involuntária participação. O arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP Nabil Bonduki, companheiro de lutas de longa data, veio a Franca participar da banca de mestrado de uma amiga na UNESP, no final do século XX. Após a banca, final da tarde, fomos todos comemorar juntos a obtenção do título da amiga num restaurante, já que o vôo de Nabil sairia às 19h15 do aeroporto "Tenente Lund Presotto" que, dizem os tucanos há séculos, vai ser privatizado (mas até ontem, nada).

Por volta de 18h20, vimos e ouvimos o ronco ensurdecedor do avião passar (vinha de São José do Rio Preto e fazia escala aqui) em direção ao aeroporto. Pagamos a conta rapidamente e saímos para levar Nabil e, quando lá chegamos, por volta de 18h35, a surpresa. A equipe de terra da companhia aérea negou o embarque, alegando que o avião já estava taxiando na pista rumo a São Paulo. Era verdade. Como havia apenas um passageiro esperando quando chegaram, o sujeito embarcou e a tripulação resolveu ir embora antes do horário previsto, sem esperar o dono do outro bilhete vendido. Nabil ficou muito bravo com o pessoal da companhia aérea (coisa rara de ver), mas de nada adiantou. Tivemos que levá-lo até a rodoviária, onde pegou seis longas horas de ônibus até São Paulo. Está esperando o pedido de desculpas da companhia pelo adiantamento do horário até hoje, motivo pelo qual, ao embarcar agora em agosto para um período como professor na Universidade da Califórnia em Berkeley, universidade pública e uma das mais importantes e prestigiadas do mundo, deve chegar ao aeroporto umas quatro horas antes do embarque. Boa viagem, Nabil, mas volte logo, o Brasil pós-golpe precisa de você aqui, pois a luta continua.

Mauro Ferreira é arquiteto